

EVOLUÇÃO



6 Anos.

A mesma essência.



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/2675-2573.rpe.63>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I. Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 63 (fev. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 208 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.63

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

Isac Chateaufeuf

07 ESPECIAL

12 POIESIS

J. Wilton

ARTIGOS

1. A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E SEUS IMPACTOS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Adriana Pereira Santos da Silva 19
2. GARATUJAS E A CONSTRUÇÃO DO DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM
Adriana Silva de Santana Barros 26
3. MATERIAIS DE LARGO ALCANCE: DO CESTO DE TESOUROS À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL
Amanda Zuza dos Anjos 31
4. DAS PÁGINAS AUSENTES AOS FUTUROS POSSÍVEIS: LITERATURA NEGRA, ACERVOS ESCOLARES E A EMERGÊNCIA AFROFUTURISTA COMO PROJETO DE MUNDO
Bianca de Assis Pirahy 41
5. A UNIÃO: O CONCEITO MATEMÁTICO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO PARA A AGREGAÇÃO SOCIAL HARMÔNICA NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO
Calunda dos Santos Jorge / Júnior Zacarias Miguel Paca 45
6. PERFIL DO CONSUMO DE MEDICAMENTOS EM ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - ICISA NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2024
Capuma Ernesto Eduardo / Wilson Valdemar Gomes Anilba 50
7. AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA: REGGIO EMILIA EM FOCO
Cícera da Silva Ramos 55
8. O BRINCAR COMO EIXO ESTRUTURANTE DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Cláudia Reolo da Silva Ferreira 62
9. LETRAMENTO MATEMÁTICO: DESENVOLVENDO A COMPREENSÃO E A APLICAÇÃO COTIDIANA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Denise Teixeira Santos Menezes 68
10. CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO CIENTÍFICO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR ANGOLANO. UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNIDADE ACADÊMICA DO ISIA E DO IDERO – 2025/2026
Edson da Conceição Graça 76
11. DA GARATUJA À ESCRITA: RELAÇÕES ENTRE DESENHO, LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO INICIAL
Elizabeth Aparecida Feitosa Lima 83
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E TEA
Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro 89
13. A IMPORTÂNCIA DA ROTINA ESCOLAR PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
Joice de Andrade Silva 97
14. LIMITAÇÕES DA NOVA GESTÃO PÚBLICA NA REFORMA DO SETOR PÚBLICO ANGOLANO: EVIDÊNCIAS DO SIAC CACUACO
José Manuel dos Santos 103
15. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Leandro de Almeida Oliveira 108
16. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NO BERÇÁRIO I: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
Lilian Silvana Minho Zanetta 115
17. PSICOPEDAGOGIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO ENTRE TEORIA E PRÁTICA
Luciane de Jesus Mineiro de Lima 121
18. IMPACTO DA MOTIVAÇÃO NO DESEMPENHO ORGANIZACIONAL. ESTUDO REALIZADO NO INSTITUTO POLITÉCNICO NO 131-LUBANGO
Lucoque Bernardo 128
19. PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO EM ANGOLA: O CASO DOS RECLUSOS ATENDIDOS NO HOSPITAL PENITENCIÁRIO PSIQUIÁTRICO
Manuel Paulo Chamorro 135
20. ENTRE AUTONOMIA E NORMATIZAÇÃO: METODOLOGIA ELOS – CONSTRUINDO COLETIVOS
Marcelo Cunha 144
21. A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LETRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Marli Aparecida Rosa 161
22. EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA
Maria de Lourdes Ferreira da Silva 167
23. A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN
Orlaneide Ferreira Santos Diamante 173
24. A EDUCAÇÃO PSICOMOTORA COMO BASE DAS APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Paula Dulcídio Rosseto 179
25. O PANINHO DE APEGO COMO PRIMEIRO BRINQUEDO: REFLEXÕES A PARTIR DA PEDAGOGIA MONTESSORI
Renata da Costa Braz 186
26. MOVIMENTO E INFÂNCIA: A IMPORTÂNCIA DA MOTRICIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR
Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira 193
27. TEORIA DE ACEITAÇÃO DA AUTORIDADE NAS ORGANIZAÇÕES ANGOLANA
Ucaca Venâncio António 200



DAS PÁGINAS AUSENTES AOS FUTUROS POSSÍVEIS: LITERATURA NEGRA, ACERVOS ESCOLARES E A EMERGÊNCIA AFROFUTURISTA COMO PROJETO DE MUNDO

Bianca de Assis Pirahy¹

RESUMO: Este artigo discute a literatura no contexto escolar como território de disputas políticas e simbólicas, destacando o papel dos acervos literários na construção de imaginários sociais e na legitimação de narrativas. Com base nas análises de Domingues e Klayn (2022) sobre o PNLD Literário 2020 e de Araújo (2018) acerca das relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil, evidencia-se que a diversidade nos acervos ainda é frágil, marcada pela permanência do cânone eurocentrado e por representações negras frequentemente estereotipadas ou secundarizadas. Nesse cenário, propõe-se o afrofuturismo como ferramenta pedagógica e literária capaz de ampliar repertórios, fortalecer o protagonismo negro e contribuir para práticas educativas decoloniais em consonância com a Lei nº 10.639/03. Defende-se, por fim, que a escola deve assumir o acervo como curadoria do futuro, garantindo não apenas inclusão, mas complexidade e potência às narrativas negras.

Palavras-chave: Acervos literários. Afrofuturismo. Literatura escolar. Literatura negra. Relações étnico-raciais.

Tem um tipo de silêncio que a escola aprende a chamar de normal. Ele mora nas estantes. Mora nas listas. Mora nas escolhas que parecem técnicas, mas são políticas. Mora na pergunta que ninguém faz quando o acervo chega: quem está sendo autorizado a existir aqui?

Eu lembro da sensação de procurar a mim mesma nos livros da escola e não me encontrar. Não era só ausência de personagens negros: era a ausência de futuros possíveis para mim. As histórias pareciam sempre pertencer a outros — outros corpos, outras famílias, outras infâncias. E, quando a negritude aparecia, quase sempre vinha colada ao sofrimento, ao limite, ao papel secundário. Foi ali que eu entendi, mesmo sem ter palavras para isso ainda, que **a estante também educa**: ela pode

acolher uma criança ou empurrá-la para fora do mundo.

Porque livro escolar nunca foi apenas livro. Livro escolar é portal. É espelho. É moldura do mundo. E, sobretudo, é uma tecnologia de futuro, pois quando uma criança abre um livro, ela não acessa só uma história. Ela acessa a possibilidade de imaginar a si mesma como parte legítima do mundo.

Por isso, quando penso na literatura dentro da escola, eu não consigo vê-la como algo neutro. Ela é atravessada por políticas públicas, escolhas pedagógicas e disputas de narrativas que determinam quais histórias serão contadas e quais vozes continuarão sendo empurradas para fora da página.

¹ Licenciada em Letras e estudante de Pedagogia pelo Instituto Federal de São Paulo, IFSP; Pós-graduanda em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica. Professora da rede pública do Estado de São Paulo e da ETEC, atua na pesquisa em Educação e Relações Étnico-Raciais. Integra a EDUCAFRO em ações de formação cidadã e inclusão de jovens negros no acesso às universidades públicas. É bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID, escritora, colunista e revisora da Revista Primeira Evolução.

A aula “Literatura e educação”, da disciplina “Escrivências e outras epistemologias afro-brasileiras”, ministrada pelas docentes Profa. Dra. Calila das Mercês e Profa. Dra. Iracema Santos do Nascimento, não me trouxe apenas essa reflexão. Ela exigiu que a gente encarasse a pergunta central — o que a escola está fazendo quando escolhe seus livros?

Este texto nasce desse incômodo. E nasce também de um desejo. De pensar os acervos escolares não como um depósito de títulos, mas como um território em disputa. A partir dos trabalhos de Domingues e Klayn (2022) e Araújo (2018), proponho analisar os desafios contemporâneos da literatura na escola e, principalmente, apontar para futuros possíveis — onde diversidade não seja “inclusão”, mas centro do projeto educativo.

O ACERVO NÃO É NEUTRO: ELE ESCOLHE QUEM PODE SER SONHADO

Domingues e Klayn (2022), ao analisarem o PNLD Literário 2020, escancaram uma sensação comum a quem vive o chão da escola: a mudança existe, mas chega como se estivesse sempre pedindo desculpas. Os autores mostram que ainda prevalece um olhar voltado aos “clássicos” — quase sempre brancos, europeus, legitimados por um cânone que se comporta como muro. O resultado é um acervo que até se atualiza, mas continua sustentando a mesma ideia de “literatura de valor” (DOMINGUES; KLAYN, 2022).

É aqui que a discussão se torna mais séria do que parece. Porque o que se chama de “qualidade” nem sempre é apenas estética: muitas vezes é política travestida de neutralidade. Quando uma obra negra, indígena ou periférica é tratada como “temática”, enquanto a literatura branca é tratada como “universal”, o que está em jogo é a própria noção de humanidade.

Domingues e Klayn (2022) também evidenciam um paradoxo cruel: o professor é apontado como peça-chave do processo de escolha, mas raramente recebe suporte ou formação para exercer uma mediação crítica e transformadora. Autonomia sem formação vira abandono. E, nesse

cenário, o acervo escolar pode acabar reproduzindo aquilo que deveria enfrentar: **o apagamento**.

NÃO BASTA APARECER: É PRECISO EXISTIR COM COMPLEXIDADE

Araújo (2018) aprofunda essa ferida ao discutir as relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil (LIJ). Sim: há aumento numérico de personagens negros. Mas o que a autora demonstra é que o problema não se resolve com contagem. A pergunta não é “quantos aparecem?”. A pergunta é: **como aparecem?**

Araújo (2018) revela que, mesmo quando personagens negros entram na narrativa, eles frequentemente entram pelo lugar da subalternidade: estereótipos, papéis secundários, representações negativas ou caricatas. E isso reforça o que a autora nomeia como “branquidade normativa” — a naturalização do branco como padrão universal de humanidade (ARAÚJO, 2018).

Essa lógica é devastadora. Porque ela ensina às crianças negras que elas podem até estar na história — mas não podem ser o centro dela. Ensina que o protagonismo negro é exceção, não direito. Ensina que ser negro, muitas vezes, é estar condenado a um papel: o coadjuvante, o marginal, o corpo em sofrimento.

E a escola, em muitos casos, não rompe essa engrenagem. Ao contrário: encontra dificuldades para mediar leituras que discutam racismo de forma crítica, perpetuando um silêncio que adoce e limita (ARAÚJO, 2018).

A ESCOLHA DO LIVRO É UMA “CURADORIA DO FUTURO”

Ao colocar Domingues e Klayn (2022) em diálogo com Araújo (2018), emerge uma constatação dolorosa: a diversidade, quando existe, ainda é frágil e superficial. As políticas do livro e o mercado editorial ainda operam como mecanismos de silenciamento.

E foi aqui, lendo esses trabalhos, que algo me atravessou: escolher livros para a escola é fazer uma espécie de curadoria do futuro. É ali que se decide quem pode ser protagonista e, por consequência, quem pode ser imaginado pelas crianças como parte legítima do mundo.

O problema, portanto, não é só a ausência de corpos negros nas páginas — é também a forma como eles são enquadrados quando finalmente aparecem. Não basta incluir. É preciso garantir **direito à complexidade**, ao protagonismo e à celebração da humanidade e cultura negras (ARAÚJO, 2018).

E então a pergunta inevitável se impõe: se os livros refletem um presente ainda marcado por dores históricas, como a escola pode começar a escrever um futuro diferente?

AFROFUTURISMO: QUANDO IMAGINAR É UM ATO DE LIBERTAÇÃO

É nesse ponto que o afrofuturismo surge não como tendência estética, mas como ferramenta de potência pedagógica. Na escola, isso significa mais do que inserir um novo gênero literário: significa reposicionar a criança negra no centro da imaginação. Ao ampliar o repertório com narrativas em que pessoas negras constroem ciência, invenção, tecnologia e futuro, o afrofuturismo rompe com a lógica da subalternização e oferece outras possibilidades de identificação, pertencimento e construção simbólica. Assim, ele atua como prática pedagógica de reexistência: não apenas denuncia apagamentos, mas cria mundos onde a negritude é potência, linguagem e destino.

Nomeado por Mark Dery em 1993, o afrofuturismo utiliza elementos de ficção científica e fantasia para construir narrativas em que pessoas negras não são apenas sobreviventes do passado. São arquitetas do amanhã.

Freitas (2022) aponta que o afrofuturismo permite “imaginar e criar mundos” tão diversos quanto a população brasileira. E essa frase, quando colocada no contexto da escola, vira quase uma urgência: o que acontece quando crianças negras têm acesso a mundos onde elas são centro?

Enquanto a literatura canônica, historicamente e com frequência, aprisiona o negro a um passado de dor ou a um presente de luta, o afrofuturismo desloca a experiência negra para um futuro em que sua existência é central e potente (LIMA, 2021). Ele rompe a sentença de que a história negra só pode ser contada pelo trauma. Ele afirma o direito ao sonho.

E sonho, aqui, não é fuga. Sonho é método. Sonho é tecnologia. Sonho é política.

AFROFUTURISMO NA ESCOLA: LEI Nº 10.639/03 COMO FUTURO, NÃO COMO PASSADO

Rocha (2020) defende o afrofuturismo na educação como abordagem inovadora para discutir diversidade etnicorracial, promovendo empoderamento de forma criativa. E talvez esse seja o ponto: o afrofuturismo transforma o debate racial em algo que não é apenas denúncia — é também construção.

Ele materializa o espírito da Lei nº 10.639/03 para além do “conteúdo obrigatório”. Porque não se trata apenas de estudar África e cultura afro-brasileira como passado. Trata-se de reconhecer essas forças como vivas, contemporâneas e capazes de moldar o amanhã.

Obras de autores como Fábio Kabral, Lu Ainzaila e Ale Santos não são apenas “literatura de qualidade”: elas são projetos de futuro. E quando chegam à escola, podem se tornar ferramentas para uma educação decolonial — uma educação que não pede licença para existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ESCOLA COMO PORTAL

Criticar acervos escolares é necessário, mas não basta. A transformação real exige que aliemos crítica à criação. A qualidade de um texto literário mede-se também por sua capacidade de valorizar a diversidade humana (ARAÚJO, 2018). E é o afrofuturismo que mostra, de forma contundente, que essa valorização não é só reparação, é construção de futuro.

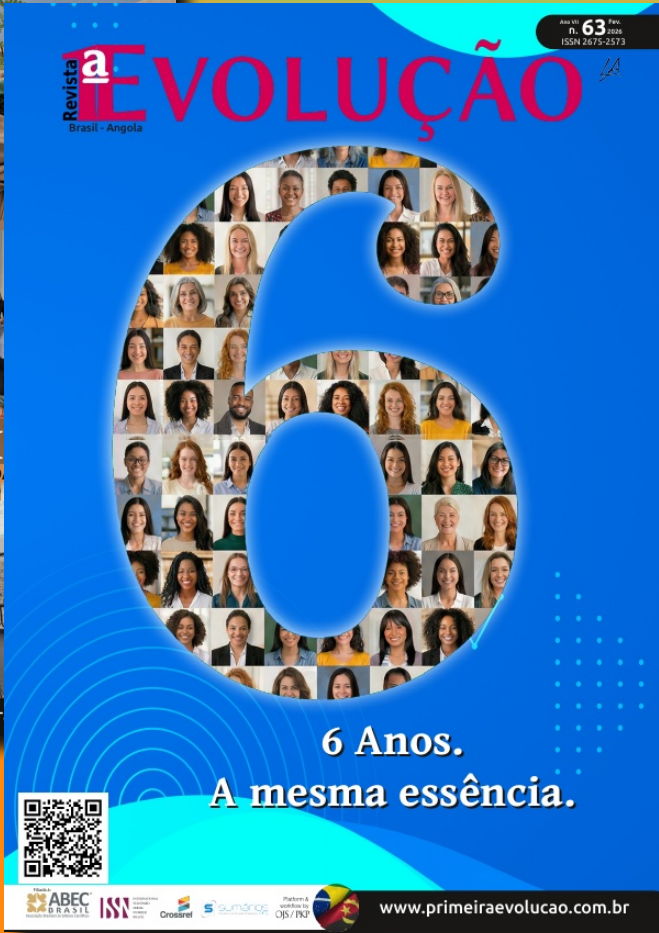
Ele nos convida a parar de apenas olhar para trás e começar a escrever os mundos que queremos habitar.

Se o acervo escolar é curadoria do futuro, então a escola é o portal. E o que ela escolhe colocar nas mãos de uma criança pode decidir se ela crescerá acreditando que o mundo foi feito para ela — ou que ela foi feita para caber nas margens.

O afrofuturismo, nesse cenário, não é enfeite. É urgência. É ferramenta. É caminho. E talvez seja isso que a escola precise aprender de uma vez por todas: não há educação possível sem futuro possível.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, D. C. de. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. **Educar em Revista**, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio 2018.
- DOMINGUES, D.; KLAYN, D. **Acervos literários na escola: concepções de literatura, livro literário e texto literário no guia PNLD Literário 2020**. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 61, n. 3, p. 782-796, set. 2022.
- DERY, Mark. Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: DERY, Mark (org.). **Flame Wars: The Discourse of Cyberculture**. Durham: Duke University Press, 1994. p. 179-222. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9780822396765-010>. Acesso em: 2 fev. 2026.
- FREITAS, Kênia. Pesquisadora de Cinema Negro, Kênia Freitas é nova curadora do Cinema do Dragão. Entrevista concedida a Frisson Online. **Frisson Online**, 1 abr. 2022. Disponível em: https://www.frissononline.com.br/entrevistas/156980/pesquisadora_de_cinema_negro_kenia_freitas_e_nova_curadora_do_cinema_do_dragao_veja_entrevista. Acesso em: 2 fev. 2026.
- LIMA, George. **Literatura de ficção afrofuturista no Brasil**. Terra Roxa e Outras Terras, v. 41, p. 116-132, 2021.
- ROCHA, H. S. C. **Afrofuturismo na educação: criatividade e inovação para discutir a diversidade etnicorracial**. 2020. 174 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: <>. Acesso em: 2 fev. 2026.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.63>



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adriana Pereira Santos da Silva

Adriana Silva de Santana Barros

Amanda Zuza dos Anjos

Bianca de Assis Pirahy

Calunda dos S. Jorge / Júnior Zacarias M.Paca

Capuma E. Eduardo / Wilson V. Gomes Anilba

Cícera da Silva Ramos

Cláudia Reolo da Silva Ferreira

Denise Teixeira Santos Menezes

Edson da Conceição Graça

Elizabeth Aparecida Feitosa Lima

Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro

Joice de Andrade Silva

José Manuel dos Santos

Leandro de Almeida Oliveira

Lilian Silvana Minho Zanetta

Luciane de Jesus Mineiro de Lima

Lucoque Bernardo

Manuel Paulo Chamorro

Marcelo Cunha

Marli Aparecida Rosa

Maria de Lourdes Ferreira da Silva

Orlaneide Ferreira Santos Diamante

Paula Dulcídio Rosseto

Renata da Costa Braz

Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira

Ucaca Venâncio Antônio

Indexadores:



Filiada à:



Parceiros:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres

